

## A VISÃO DE GILBERTO FREYRE SOBRE O INDÍGENA E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO “POVO BRASILEIRO” PRESENTES NAS OBRAS CASA-GRANDE & SENZALA E SOBRADOS & MUCAMBOS

**Tamires Cedraz Barreto**

Bolsista PIBIC/Fapesb, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: tamirescedraz@gmail.com

**Andrea da Rocha Rodrigues**

Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: andrear10@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre, identidade nacional, indígenas.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as obras *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, de autoria de um dos importantes autores da História do Brasil: Gilberto Freyre. A interpretação histórica e cultural de Gilberto Freyre sobre o Brasil foi de grande relevância para a historiografia brasileira, haja vista que suas obras abordam temas até então não trabalhados, como a raça no ponto de vista antropológico-cultural - influenciado por Franz Boas, e que, embora não tenha adotado todos os conceitos e idéias deste, bebeu bastante de sua fonte -, adotando assim um olhar diferenciado sobre as contribuições culturais das três matrizes raciais formadoras da identidade nacional do Brasil e supostamente rompendo com as “ideologias racistas e os determinismos climáticos” que circulavam no meio intelectual brasileiro, além de recorrer a fontes não-convencionais para época. No período em que a regra era enfatizar os pontos negativos do país (1920-1930), o autor visualizou e expôs o que havia de positivo na cultura brasileira; o que foi bastante proveitoso para o debate político da época, já que suas publicações coincidiram com o momento de discussão da (re)construção da identidade nacional no país. Gilberto Freyre, embora tenha sido bastante criticado por sua visão diferenciada sobre as raças ao defender o papel conjunto destas na construção da nacionalidade brasileira - ao contrário da maioria dos autores de sua época - também exaltou em suas obras as influências africanas na cultura brasileira, bem como amenizou o processo da escravidão. No entanto, apesar de existir inúmeras críticas na época e, posteriormente, às obras do autor, poucos trabalhos, como o de Elide Rugai Bastos, são os que exploram a discussão presente na obra de Freyre sobre a influência indígena, embora o autor tenha dedicado a esta questão um capítulo inteiro de seu livro *Casa Grande & Senzala*, além de o tema permear a discussão contida em toda a obra. O foco desta pesquisa é justamente a visão diferenciada deste autor sobre a formação do “povo brasileiro”, fazendo o recorte no que diz respeito às contribuições atribuídas por este ao indígena na construção de uma identidade nacional brasileira. Analisando também certos aspectos presentes na discussão racial de Freyre na obra *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados & Mucambos*. Os principais aspectos destacados nesta pesquisa foram: a mulher indígena, a caracterização do povo indígena, a mestiçagem e as teorias utilizadas pelo autor como argumento para suas teses.

### METODOLOGIA

Leitura dos discursos sobre as matrizes raciais presentes nas obras *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, tendo como objetivo a análise especificamente das idéias do autor em torno da “raça” indígena discutidas em ambas. Para tanto, busquei verificar as condições de produção externa e interna das duas obras. A análise de informações contidas em artigos e obras de comentadores foram também aproveitados nesta pesquisa, haja vista que

é importante verificar como Gilberto Freyre e suas respectivas obras foram representados e apropriados por intelectuais brasileiros. Foi levado em conta os contextos históricos diferentes entre as “obras-fontes”, atentando para as rupturas e permanências que possam existir entre as mesmas. Esta leitura se deu em quatro etapas: análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e síntese pessoal. A metodologia escolhida para alcançar os resultados desejados foi a comparativa, tanto na análise das duas obras quanto na análise do objeto específico da questão norteadora desta pesquisa. A análise comparativa entre as duas obras foi feita com o objetivo de perceber e relatar as mudanças e permanências de idéias e argumentos do sociólogo Gilberto Freyre presentes nas obras selecionadas e seus diferentes objetos de análise – sendo que a primeira analisa mais precisamente o ambiente rural e a formação cultural, social e psicológica do brasileiro; e a segunda analisa por sua vez o ambiente urbano e a decadência desse patriarcado rural.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os índios são caracterizados por Freyre como molengas e inconstantes, além de se mostrarem incapazes para certos tipos de trabalho. Para o autor a população indígena do território brasileiro se trata da mais primitiva das populações aborígenes da América, eram “uma das populações mais rasteiras do continente”. Por sua mentalidade primitiva repugnavam-lhes as atividades intelectuais impostas pelos padres. O sistema escravocrata e o missionário foram os responsáveis pela devastação da raça nativa, no entanto foi “mais lenta e menos cruel do que na América espanhola ou inglesa” além dos “aspectos criadores que se opõem aos destruidores”. E, mesmo com esta devastação, é no Brasil onde mais se tem conservado a cultura e os valores nativos. Se utilizando de Silvio Romero e Oliveira Lima, Freyre diz que as revoltas ocorridas no Brasil, a exceção da “revolução pernambucana de 1817”, foram nada menos que “regressão à cultura primitiva”. Para Freyre, do indígena se salvaria apenas a parte feminina de sua cultura. Embora considere todas essas questões de suposta inutilidade e incapacidade do indígena, o autor não deixa de ressaltar também a contribuição positiva destes povos para a formação brasileira. Entre as várias contribuições que o autor considera como transmitidas do índio para a cultura brasileira e a conseqüente formação do povo brasileiro, estão os costumes alimentares, o asseio do corpo e da casa, a vida sexual. Os quitutes de origem indígena foram os que deram o gosto à alimentação brasileira que nem os lusitanos nem os africanos jamais substituiriam. Os indígenas do Brasil eram superiores aos cristãos europeus quanto ao asseio do corpo, tendo o português assimilado a cultura de higiene nativa; tinha a moral sexual também, “às vezes”, superior aos europeus que cobriam-se de “pesadas vestes” em respeito ao seu “pudor cristão”. A vida sexual dos indígenas era cheia de tabus e impedimentos, viviam “no meio de sombras de preconceito e de medo” e, para o autor, isso foi absorvido pela cultura brasileira. O índio ficou rapidamente no segundo plano: “Achatado na sua inferioridade cultural. Inútil e incapaz, dentro do sistema de colonização que ia criar a economia brasileira”. Muito pouco se discute, no entanto, sobre o indígena na obra *Sobrados & Mucambos*, onde Gilberto Freyre analisa dois tipos de habitações urbanas, uma caracteristicamente “branca” e outra africana. E justifica a escolha da habitação africana ao invés de indígena, ou qualquer outra, por esta ser predominante entre as classes proletárias ou servís e não por “inteira ignorância de sua existência, ou completo desconhecimento de sua ‘importância’”. Dentre as poucas passagens da obra que se remete ao índio, há uma em que ele atribui ao indígena a influência cultural sobre a população que vivia na área mineira “gente tão móvel” como destacou o autor. À medida que a população distanciava-se do litoral iam perdendo contatos com a cultura européia e se aproximando da cultura nativa. A questão da mulher indígena na obra *Casa-Grande & Senzala* foi dentre todos os aspectos o que mais chamou atenção, já que o autor

adotou uma interpretação demasiadamente preconceituosa e machista sobre estas mulheres. Num primeiro momento, o autor faz uma comparação da índia “brasileira” com a “moura-encantada”, um mito português, identificando semelhanças que talvez tenha influenciado os portugueses que aqui chegaram e se “deliciarem” com as mulheres indígenas. Dentre elas o pentear demasiado dos cabelos das índias que se confundia com o mito europeu das moura-encantadas que dizia que estas também cultivavam esse costume, no entanto, segundo o autor, as índias “brasileiras” se entregavam sexualmente mais facilmente do que as mouras, bastava oferecer qualquer “bugiganga” em troca. “Oferecidas”, as índias são descritas na obra como objetos sexuais pelo autor: “uniões de europeus, desgarricidos à-toa pelas nossas praias com as índias que iam elas próprias oferecer-se ao amplexo sexual dos brancos”. Apesar de todas essas afirmações preconceituosas, o autor reconhece – embora ainda por motivos “machistas” – a importância da mulher indígena tanto na organização social dos próprios povos indígenas como para a formação brasileira. A mulher indígena teve maior utilidade que o homem na organização agrária na visão do autor. Isso por conta da sua “superioridade técnica”, diz ele, “entre os povos primitivos”, além da maior facilidade para se estabilizar dentre os povos nômades. A contribuição “exigida” da mulher indígena foi, para Freyre, a do corpo, do trabalho doméstico ou agrícola e a da estabilidade. Segundo o autor, foi sobre a mulher indígena que se fundou e se desenvolveu o grosso da sociedade colonial brasileira; foi a mulher também a sua base cultural material. Os mestiços, apesar de todo esforço do autor em mostrar que não é de todo mal a miscibilidade da raça, quando analisa a nutrição da população colonial como fator influenciável para o caráter do indivíduo, este irá afirmar que o mestiço por ter uma alimentação precária tende a ser mais preguiçoso, improdutivo, de inferioridade física e intelectual. Segundo Freyre, a “raça” mestiça compunha os inúteis da sociedade colonial brasileira, e nesta estavam classificados todos aqueles que não eram grandes latifundiários e não eram escravos. É perceptível a diferenciação feita pelo autor entre índios e negros. Um exemplo é quando se refere ao literário Euclides da Cunha, autor que exalta o indígena ou aos mestiços como “o expoente mais puro da capacidade física, da beleza e até da resistência moral da sub-raça brasileira”. Para Freyre, ele se equivocou ao afirmar isso, pois, na verdade, é nos elementos de descendência africana que estão “muitas das melhores expressões de vigor ou de beleza física em nosso país”. O índio foi substituído, na opinião do autor, pelo negro por este ter “extroversão e vivacidade” ao contrário do outro. Embora tenha afirmado isso, assinalou que não é que o português aqui tivesse encontrado uma “raça de gente fraca e mole”, “é que foi demasiado brusca a passagem do nomadismo à sedentariedade da atividade esporádica à contínua”. O negro “vindo de um estágio de cultura superior ao do americano” correspondeu melhor às necessidades econômicas brasileiras. Tanto os homens quanto as mulheres africanas “substituíram vantajosamente” os índios nos trabalhos domésticos e de campo. Os negros, para Freyre, são superiores aos índios, e até mesmo aos brancos, em diversos aspectos entre eles a culinária, no trabalho com metais e na criação de gado. As teorias raciais bastantes presentes no meio acadêmico brasileiro no início do século XX, não deixaram de influenciar também o sociólogo Gilberto Freyre. Menções à antropogeografia (Griffith Taylor), antropologia criminal entre outras, permeiam os argumentos de Freyre quando este caracteriza os “tipos raciais” culturalmente e biologicamente. É possível identificar as idéias de Ratzel, por exemplo, quando o autor afirma que a incapacidade, o caráter e a criminalidade são patológicas ao clima tropical; mostra-se portanto, parcialmente adepto à teoria *determinista geográfica*, que tem como tese “que o desenvolvimento cultural de uma nação seria totalmente condicionado pelo meio”. Foi observado através da revisão bibliográfica e da leitura de teóricos mencionados em tais bibliografias, além da análise das fontes, que, na verdade, Gilberto Freyre não rompeu completamente com as teorias racistas e evolucionistas que pairavam sobre a época. E também que, não adotou completamente as idéias da antropologia cultural de Franz Boas,

visto que este último criticava ferrenhamente as teorias que tinha a raça como fator determinante para evolução humana. Durante a pesquisa encontrei algumas dificuldades para detectar as teorias adotadas por Gilberto Freyre para sustentar que a alimentação e a nutrição do indivíduo afeta o seu caráter. E, consultando teóricos e comentaristas, encontrei em Claude Lépine, outra estudiosa do sociólogo pernambucano, as informações necessárias para dirimir minha dúvida. Lépine afirma que, embora a idéia da inferioridade física ser transmitida através da hiponutrição ou da má nutrição tenha sido resultado das experiências de Franz Boas, Gilberto Freyre foi o percussor da “antropologia alimentar”. O que explica a dificuldade que encontrei em identificar a corrente teórica utilizada pelo autor. As contradições e variações encontradas em sua obra *Casa-Grande & Senzala* levantaram questões mais amplas: Sobre quais teorias realmente se baseava? Adotou somente a antropologia cultural norte-americana ou também as teorias evolucionistas e racistas? Afirmarções do autor como: “o que se sabe das diferenças da estrutura entre crânios de brancos e negros não permite generalizações” mostra que nem todas as teorias evolucionistas ou racistas eram aceitas por Freyre. Enquanto *Casa-Grande & Senzala* encontra-se impregnada das muitas teorias européias e norte-americanas sobre raça, cultura e evolucionismo, *Sobrados & Mucambos* é escrita numa dinâmica diferente da que a antecedeu. Conceitos como classes, sistema, proletariado, burguesia, pequena-burguesia, plebeus aparecem na segunda obra da “trilogia” (*Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados & Mucambos*, *Ordem e Progresso*) naturalmente como se esta também fosse a abordagem feita pelo autor na obra anterior. E, mesmo que seja implicância até do próprio objetivo do estudo, é quase nula a presença das teorias tão debatidas anteriormente.

## CONCLUSÃO

Foi de grande proveito para minha experiência acadêmica a análise da visão de Gilberto Freyre - este sociólogo tão aclamado, injuriado, injustiçado, criticado, enfim, comentado mundialmente - sobre o indígena brasileiro, em relação à sua caracterização e as respectivas contribuições deste para formação do povo brasileiro, sem deixar de apontar as teorias das quais se valeu o autor em suas obras - seja para adotá-las, seja para criticá-las -, como a antropologia criminal, craniométrica ou frenologia, antropogeografia e antropobiologia. Espero assim ter contribuído não só para a área dos estudos indígenas, tão carente de trabalhos com a perspectiva historiográfica, mas também para os estudos de historiografia brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre: *Casa-Grande & Senzala*. In: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico*. 1v. 4ed. SP: Editora SENAC São Paulo, 2004.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. 4 ed. RJ: J. Zahar, 2007.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.
- LÉPINE, Claude. *Cozinha e dieta alimentar na obra de Gilberto Freyre*. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Escravidão Negra em Debate*. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia em Perspectiva*. 5ed. SP: Contexto, 2003.
- SALLUM JR, Brasílio. *Gilberto Freyre: Sobrados e Mucambos*. . In: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico*. 2v. 2ed. SP: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. SP: Cia da Letras, 2008.
- SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.